

O CINEMA COMO ARTE TERAPÊUTICA***CINEMA AS A THERAPEUTIC ART*****Dra. Ana Maria Fonseca Zampieri¹****RESUMO**

Este artigo remete ao efeito terapêutico do cinema, incidindo no fator disruptivo do jogo na cena de um filme e na mensagem de suas propostas. No cerne das questões éticas e sociais o impacto mobilizador que produz o cinema é em si disruptivo. Psicologia e cinema convergem, chegando a estabelecer a corrente da filmoterapia. Desde os inícios a sétima arte se converteu num espelho dos transtornos psíquicos mais frequentes e recorrentes do acontecer, sucesso da experiência e do acontecimento como performance subjetiva da dependência, problemas mentais, reação aos desastres ou conflitos geracionais. Por meio de histórias projetadas na tela, a proposta consiste em oferecer uma reflexão sobre a vulnerabilidade humana. Articulam-se aqui conceitos teóricos da psicologia, a filmes de várias modalidades e temáticas.

Palavras-chave: Cinema; Terapia; Psicologia.

ABSTRACT

This article refers to the therapeutic effect of cinema, focusing on the disruptive factor of the game in a film scene and the message of its proposals. At the heart of ethical and social issues, the mobilizing impact produced by cinema is disruptive. Psychology and cinema converge, establishing the current of film therapy. From the beginning, the seventh art became a mirror of the most frequent and recurrent psychic disorders that occur, the success of the experience and the event as a subjective performance of dependence, mental problems, reaction to disasters or generational conflicts. Through stories projected on the screen, the proposal consists of offering a reflection on human vulnerability. Theoretical concepts of psychology are linked here to films of various modalities and themes.

Keywords: Cinema; Therapy; Psychology

¹ Possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1975), mestrado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1996) e doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Pós- doutorado pela PUC/SP (2009). Tem 34 anos de experiência na área de Psicologia Clínica, Preventiva e Educacional, com pós graduação em Psicodrama, Terapia Sexual, Terapia de Casais e Famílias e Terapia em EMDR. Terapeuta em BRAINSPOTING (2006), Pós Graduanda em Biologia Cultural pelo Instituto Matritico (2009), Pós Graduação em Psicotrauma pela Sociedade Argentina de Psicotrauma (2007) e International Society For Traumatic Stress Studies, Facilitadora em EMDR pela EMDRIA (2009). Formação em Critical Incident Stress Management: Group Crisis intervention UMBC(2008) e Intervenção Psicológica em Situações Críticas Individuais e Coletivas.

O cinema constrói seus personagens e promove indagações importantes sobre os conflitos humanos que poderão promover liberações de sentidos e emoções. A este respeito Néstor Goldstein (2004) diz: “... O enriquecimento do saber psicanalítico deve muito à arte cinematográfica. O cinema abrevia a vida em suas luzes e sombras, em suas grandezas e em suas misérias e a psicanálise se esforça para conhecer os lugares acidentados menos visíveis dessa vida...”. O cinema e a psicanálise são contemporâneos em seus nascimentos e desenvolvimentos. Os filmes *O filme do inconsciente* e os *Mistérios de uma alma* foram inspirados em obras de Freud e seus discípulos.

Especialmente nos anos 40 e 50 surgiram vários filmes policiais que mostravam comportamentos criminosos manifestados como sofrimento psíquico. A respeito desta temática, o filme *Cisne Negro* do diretor Darren Aronofsky (2010), o *Coringa* do diretor Todd Phillips (2019) e o *Lars e a garota ideal*, dirigido por Craig Gillespie (2007) entre outros, são exemplos desta associação entre a arte e a terapia, onde são reveladas nossas vidas interiores e os segredos da alma, em uma espécie de quebra cabeça, que pode nos advertir de perigos iminentes em relações de afeto, segurança e amor.

O conceito do Disruptivo, criado por Moty Benyakar (2006) foi embasado em seu trabalho clínico psicanalítico, com pacientes, alunos e colegas, com relação aos impactos fáticos que mobilizam negativamente o psiquismo, que podem tanto levar os seres humanos a vivências traumáticas, quanto a gerar mobilizações saudáveis, como a resiliência. O cinema pode disparar e/ou provocar nossa psique, e ser um fator disruptivo. Como são gerados estes processos disruptivos no meio cinematográfico? Dependendo do que os filmes possam nos fazer reviver emocionalmente, terão potencialidades traumatogênicas e/ou também podem trazer diversas reflexões, perspectivas e possibilidades terapêuticas, construtivas e elaborativas.

Na sétima arte, efeitos disruptivos de diversas doenças, seja no paciente, seja na família, alertam-nos para nossas psicofobias e rejeições de enfermos, principalmente na área da saúde mental. Como perceber, com maior compaixão, crianças, adolescentes, adultos e idosos com relação a suas doenças, a morte e limites é um exemplo de alerta que o filme *Camino*, do diretor Javier Fesser (2008) nos traz.

A loucura é disruptiva e pode provocar psicofobias e medos a termos nossas dignidades e integridades profundamente feridas. Filmes que expõem aspectos sociais são terapêuticos a este respeito. González Iñárritu, diretor do filme *Biutiful* (2010),

afirmou: “... Quero externalizar esta ideia, tão excessiva de dor e abuso, tão excessiva como o que apresenta o sistema social em milhares de pessoas ao redor do mundo...”.

O que o cinema nos ensina sobre a ficção ser terapêutica, a ponto de refinar nossas evidências existenciais? Esta é uma das indagações que nos propõe Michel Fariña (2011). O disruptivo no cinema convoca, *a posteriori*, nossas análises, projeções, identificações e alertas sobre os não ditos nos filmes. A conversação cinematográfica pode nos introduzir no relato de experiências dos protagonistas, especialmente relações de acolhimento e apoio emocional e, talvez, nos auxiliar na articulação entre o afeto e sua representação, possibilitando a construção de vivências que reprocessam nossas vidas intrapsíquicas. Também os silêncios, que evidenciam metabolizações e/ou fracassos dos personagens cinematográficos, têm esta qualidade.

Espiar a vida dos outros, sendo espectadores da vida, leva-nos também aos fatos históricos, disruptivos, constitutivos, traumatogênicos ou funcionais que são elementos fundadores da nossa realidade psíquica. Não somos sem o outro, nas complexidades relacionais. O cinema também possibilita, no exercício de “espionar” o outro, tornar-se participante e, assim, emergirem as associações de afetos e representações.

Quando, como espectadores do cinema, observarmos o mundo da arte e o mundo dos seres vivos poderemos integrar vivências que darão lugar a experiências estéticas inclusive e, se há uma sucessão de eventos que introduzem o disruptivo, poderemos ter efeitos transformadores, nesse lugar intermediário entre a realidade e a fantasia.

O cinema também promove problematizações da sociedade contemporânea, através de situações controversas que questionam e/ou denunciam problemas éticos. Talvez possamos ampliar as fronteiras das complexidades entre sermos bons e/ou maus, virtuosos, sãos, doentes, imorais e críticos, entre outros. Especialmente neste mundo globalizado com todas as facilidades e velocidades com que acessamos a informações parciais, *fakes* ou não confiáveis, poderemos perder alguma posição crítica e reflexiva, e estaremos mais sujeitos a fugas e frivolidades, banalizando problemas complexos da humanidade, consumistas, intrusivos e violentos, talvez algo apocalípticos, como dizia Umberto Eco (2019).

Desta forma, o cinema parece adquirir a função do teatro grego, como nos dizem Fariña e Solback (2011), no espaço em que representamos os dilemas de nossa sociedade. Como alcançar a imortalidade como máxima aspiração de poder? Como lidar com a morte e a vida, companheiras do amar? O tempo ligado à finitude e à transitoriedade é rejeitado em uma cultura da eliminação da angústia, da frustração, dos

lutos e dos limites. Eventos ou situações com a capacidade integradora e de elaboração, como o cinema, poderão ser fatores terapêuticos.

Há filmes como, por exemplo, o *Efeito Mariposa*, dirigido por Erick Bress e J. Mackye Gruber (2004), que revelam experiências precoces da infância, fase constitutiva do essencial dos modos de vivenciar as experiências e também dos processos e problemas de várias disfunções, do complexo processo de metabolização.

O cinema produz identificações permitidas pela cultura compartilhada. Pode ser dos prazeres, da falta de sentido da vida ou de desejos reprimidos e a inutilidade do viver. É a arte civilizadora que nos convida a enfrentar a condição humana em suas inúmeras possibilidades e, assim, constitui-se em importante comunicação educativa e terapêutica.

Autoconservação e amor nos primeiros momentos da vida são condições essenciais de ações do cuidador, pais ou substitutos. Quando estas funções de apego falham, essa carência poderá suscitar insatisfação e, a partir daí, angústia e raiva. Como crianças pequenas estão indiferenciadas, nessa matriz de identidade, intensidades de raiva e ódio são vivenciadas como perigo interno e, assim, registradas na interioridade psíquica e o mundo externo adquire qualidades ameaçadoras. Defesas de luta e fuga buscam a satisfação de desejos e necessidades básicas, que é a busca pela vida. O filme *O discurso do rei*, dirigido por Tom Hooper (2010), por exemplo, traz a relação do personagem Bertir com seu pai, onde se sente humilhado e apresenta uma tartamudez que parece estar relacionada às pulsões agressivas de articular a palavra com o afeto. Quantas possibilidades de reflexões e identificações este filme poderá nos trazer!

Há diversos temas tabus que o cinema nos ajuda a reconhecer e, quem sabe, reconstruir significados e valores. Um destes é a questão do abuso sexual intrafamiliar; este fenômeno relacional traumatogênico na maioria das culturas, a partir do encontro brutal de invasão corporal e psíquica de alta sobrecarga. O corpo violado pode ser vivido com vergonha, desprezo e angústia. Quando é crônico, este tipo de abuso e os traumas são cumulativos e complexos, poderá haver diversos estados de desestruturação psíquica nas pessoas abusadas, cujo silêncio reflete o vazio representacional, que poderá durar toda a vida. O adulto abusador responde ao pedido de amor da criança com a ação erótica. Se essa criança introjetar o sentimento de culpa, especialmente se sentir-se excitada, poderá apresentar transtornos de alimentação, ou ideação suicida, como uma espécie de castigo interno. Os filmes: *O lenhador*, da diretora Nicole Kassel (2004); *Má Educação*, dirigido por Pedro Almodóvar (2004); *O Padre*, direção de Scott Stewart

(1994) e *A celebração*, do diretor Thomas Ninterberg (1998), poderão ser impactantes e terapêuticos para algumas pessoas que viveram e/ou vivem em famílias abusivas.

Será utopia desejarmos uma sociedade com convivência pacífica? Guerras, desigualdades sociais, preconceitos diversos, violências digitais e tantas outras condutas e ações que provocam dano aos outros e/ou a si mesmo, com ou sem componentes ameaçadores claros, estão presentes na história da humanidade. O cinema tem produzido obras que retratam a violência e a agressividade humana, com variadas expressões. Estas, por sua vez, poderão ser consequências de situações disruptivas das vivências humanas.

Para pretendermos dar fim às guerras é fundamental a revisão profunda do sentido da ética e da capacidade treinável de dominar e/ou controlar nossas paixões agressivas. A arte cinematográfica pode nos estimular a pensar mais profundamente na complexidade do terrorismo, dilemas éticos das guerras, sobre enviar jovens para matar e morrer, além de ações genocidas, entre outras. *Viver ao limite*, de Kathdyn Bigelow (2008); *Resgatando o soldado Ryan*, do diretor Steven Spielberg (1998); *Hotel Ruanda*, dirigido por Terry George, (2004); *O segredo de seus olhos*, de Juan José Campanella (2009), são alguns filmes que ilustram esta temática. E não nos esqueçamos dos efeitos permanentes e traumatogênicos de tudo isto não apenas nos sobreviventes, como também nas gerações que sucedem estas barbáries da humanidade. O cinema poderá estimular nossa capacidade de antecipação para nos educarmos contra as violências e agressividades humanas. Esta seria outra possibilidade de ação terapêutica da sétima arte.

“O ser humano não é um ser manso, amável, que só se defende se é atacado e em consequência, o próximo pode ser usado sexualmente, humilhado, martirizado ou até assassinado”, Freud já relatava em 1930. A arte cinematográfica é uma expressão criativa, como já dissemos, e que denuncia, através da teia complexa de imagens, textos e músicas, as profundidades do ser humano e, assim, poderá promover sublimações. Diversos filmes traduzem esta observação, como, por exemplo, *O trem da vida*, dirigido por Radu Mihăileanu (1988), uma comédia dramática sobre o genocídio nazista. Outro é o clássico *A vida é bela*, dirigido por Roberto Benigni (1997). Como discutimos a questão da bioética, criada no Instituto Kennedy da Ética, da Universidade de Georgetown, com pesquisas de Hans Martin Sass, em 2007, que propõem o imperativo bioético a cada ser vivente para além dos humanos?

Outra possibilidade de conscientização histórica e ética do bem e do mal que o cinema pode trazer é a biologia aplicada ao ideal da eugenia, na política extremista e antissemita de Hitler. As pessoas eram rejeitadas de acordo com sua herança e as medidas de saúde pública para controlar a reprodução e os casamentos visavam eliminar os genes da população que apresentaria ameaça biológica. Filmes como: *Zona de Interesse* (2023), do diretor Jonathan Glazer; *O protocolo de Auschwitz*, dirigido por Peter Bebjak (2021) e *Uma vida singular*, do diretor James Waves (2024), são exemplos destas obras cinematográficas.

O conceito de resiliência tem sido muito citado nas últimas décadas como o potencial que um indivíduo tem para enfrentar desafios, ter condutas e capacidades mentais de adaptação, resistir e sair fortalecido. Este conceito é apresentado com frequência pela arte cinematográfica. O filme *A vida é bela*, de Roberto Benigni, aqui já citado, é uma aula terapêutica sobre resiliência. Com bom humor, valentia e atitude frente à vida, o personagem Guido constrói fantasias com seu filho criança, jogos que o ajudariam a enfrentar a aberração de morte e destruição da guerra, dentro de um campo de concentração. De um ambiente suficientemente bom, depende, também, o potencial resiliente de cada pessoa.

Como sobrevivemos a entornos disruptivos como: discriminações, violências, migrações, mortes, pandemias e guerras, entre tantos outros? O diretor Radu Mihăileanu, em 2005, nos apresentou a maravilhosa obra cinematográfica *Va vis et deviens* sobre cristãos, judeus e muçulmanos quando ocorreu a Operação Moisés para resgatar famílias judias. Vínculos de adoção e reencontros com nossas figuras significativas podem ser evocados e inspirados neste filme.

Que delicados e complexos são nossos posicionamentos de vítimas e/ou de responsáveis frente aos dramas da existência humana! Pessoas rotuladas como vítimas, de acordo com Benyakar (2006) são subtraídas do presente e podem ficar encarceradas em um passado irremediável. O cinema é um reflexo da realidade, mas a realidade é um reflexo da vida no cinema. *O impossível do tsunami* (2004), onde realidade e ficção se entrelaçam, mostra como uma família sobreviveu a esta catástrofe, quando um ruído terrível saiu da terra e se elevou um enorme muro de água. O filme *O impossível*, do diretor J. A. Bayonam, (2012), baseado em fatos reais, traz essa história familiar que ocorreu na devastação tsunâmica na Tailândia. Droguett e Andrade (2009) citam Bertolucci que descreve o cinema como uma linguagem de ação. Este filme, que alterna ficção e realidade, de acordo com Zampieri (2004), mostra como o imaginário surgido

pelo cinema, não se dissocia da natureza humana, pode ser um verdadeiro andaime de projeções e identificações, a partir das quais ao mesmo tempo que mascara, estimula o autoconhecimento. O homem imaginário e o homem pragmático são coexistentes. Este filme mostra como entornos sociais e familiares, como apoiadores suficientemente bons, são fundamentais para nossas imunidades psíquicas em experiências de catástrofes naturais.

O famoso Hermann Hesse (1935) advertiu a todos os homens, que somos capazes de morrer por um ideal. O cinema poderá nos oferecer recursos para ampliar visões existenciais binárias sem saída, como elemento suplementar. A título de ilustração desta temática, o questionamento sobre a cilada contra ou a favor da pena de morte está profundamente representado no filme *A vida de David Gale*, do diretor Alan Parker (2003), que revela o ideal do abolicionismo da pena de morte.

Há diversas fontes de estresses vivenciadas por grupos ligados a categorias sociais estigmatizadas, sobre discriminações, assédios por meio de eventos externos, vigilâncias causadas por expectativas de eventos negativos, e os chamados estigmas internalizados, ligados a atitudes e crenças negativas em relação a si mesmo (Zampieri, 2023). A este respeito, por exemplo, o filme *Bohemian Rhapsody* apresenta vários temas tabus da sociedade binária e sexista. O diretor Bryan Linger questiona a saúde e/ou prejuízos da revelação de pessoas LGBTQIPNA+, através da biografia do cantor Fred Mercury, que, diagnosticado com AIDS, faleceu em 1991 e falou antes de morrer: “... Desejo confirmar que tenho AIDS (...) Achei correto manter esta informação em sigilo para proteger a privacidade das pessoas ao meu redor. No entanto, chegou a hora de meus amigos e fãs, ao redor do mundo, saberem a verdade e espero que todos se unam aos médicos e a todos que estão na luta contra essa terrível doença...”

REFERÊNCIAS

BENYAKAR, Moty. **Lo disruptivo**. Buenos Aires: Biblos, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectivas, 2019.

FARIÑA, Solbrak. **Bioética y cine**. Buenos Aires: Editora Letra Viva, 2011.

FREUD, Sigmund. **El malestar en la cultura**. Obras completas. Tomo XXI. Buenos Aires: Amarrótu Editores, 2009.

GOLDSTEIN, N.. “Cuentáme tu vida”. **Revista Cine y Audiovisuales**. Buenos Aires: Editora INCAA, 2004.

HESSE, Hermann. **O lobo da estepe**. São Paulo: Editora Cultura Brasileira, 1935.

BENYAKAR, Moty e MICHEL Fariña (Orgs.) **Lo Disruptivo em el Cine**. Buenos Aires: Letra Viva, 2014.

ZAMPIERI, Ana María Fonseca. “Lo imposible del tsunami 2004: realidad y ficción en cine”. In: BENYAKAR, Moty e MICHEL Fariña Juan Jorge. **Lo Disruptivo em el cine. Ensayos ético-psicoanalíticos**. Buenos Aires: Letra Viva, 2014.

ZAMPIERI, Ana Maria Fonseca. “O processo de coming out. A bissexualidade em Bohemian Rhapsody” In: DROGUETT, J. (org.). **Experiência estética da arte no cinema pós-moderno**. Curitiba: Editora Appris, 2023.